

JOÃO PAULO II E A PURIFICAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA NO JUBILEU DO ANO 2000

Fernando Alves de Sousa

Mestre em Eclesiologia com especialização em História pela *Pontificia Università Lateranense* de Roma, bacharel em Teologia pelo Centro de estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília, onde é professor de História da Igreja. E-mail: pefersousa@gmail.com

Resumo: Apresenta-se uma síntese da tese de mestrado do autor, que procura recompor o trajeto do “Dia do Perdão” – realizado no ano 2000 durante as celebrações do Jubileu – sob a perspectiva do seu promotor e idealizador, isto é, como um gesto específico de João Paulo II. A Jornada, conhecida como gesto de purificação da memória, teria sido maturada no coração de Karol Wojtyła a partir das suas experiências como filho da Polônia e filho do Concílio. Sua eleição ao pontificado e a ocasião do “Grande Jubileu” do ano 2000 possibilitaram a realização do “mea culpa”, não sem antes dever fundamentar histórica e teologicamente a oportunidade e ortodoxia do gesto.

Palavras-chave: Memória. Purificação. Dia do perdão. Jubileu. João Paulo II.

Abstract: Presents a synthesis of the thesis of the author’s master’s degree that looks to recompose the trajectory of the “Day of Forgiveness”-realized in the year 2000 during the celebrations of the Jubilee - under the perspective of its promoter and idealizer, that is, as a specific gesture of John Paul II. The Journey, known as a gesture of purification of the memory, would have been matured in the heart of Karol Wojtyła from his experiences as a son of Poland and son of the Council. His election to pontificate and the occasion of the “Great Jubilee” of the year 2000 made possible the realization of the “mea culpa”, not without prior justifying historically and theologically the opportunity and orthodoxy of the gesture.

Keywords: Memory. Purification. Day of forgiveness. Jubilee. John Paul II.

Resumen: Es presentada una síntesis de la tesis de maestría del autor, que busca recomponer el trayecto del “día del perdón” - realizado en el año 2000 durante las celebraciones de Jubileo - bajo la perspectiva de su promotor e idealizador, es decir, como un gesto específico de Juan Paulo II. La jornada conocida como gesto de purificación de la memoria, se habría madurado en el corazón de Karol Wojtyła partiendo de sus experiencias como hijo de Polonia e hijo del Concilio. Su elección como Pontífice e la ocasión del Gran jubileo del año 2000 posibilitaron la realización del “mea culpa”, no sin antes dar fundamento teológico e histórico a la oportunidad y a la ortodoxia del gesto.

Palabras clave: Memoria. Purificación. Día del perdón. Jubileo. Juan Paulo II.

Sommario: Si presenta una sintesi della tesi magistrale dell'autore, che procura ricomporre il tragitto del “Giorno del Perdono” – realizzato nell’anno 2000 durante le celebrazioni del Giubileo – sotto la prospettiva del suo promotore e idealizzatore, ovvero, come un gesto specifico di Giovanni Paolo II. La Giornata, conosciuta come gesto di purificazione della memoria, sarebbe maturata nel cuore di Karol Wojtyła a partire dalla sua esperienza come figlio della Polonia e figlio del Concilio. La sua elezione al pontificato e l’occasione del “Grande Giubileo” dell’anno 2000 hanno reso possibile la realizzazione del

“mea culpa”, non senza prima fundamentare storicamente e teologicamente l’opportunità e la ortodossia del testo.

Parole chiave: Memoria. Purificazione. Giorno del perdono. Giubileo. Giovanni Paolo II.

Résumé: Il est présenté une synthèse de la thèse de master du auteur, qui cherche de recomposer le trajet du « jour du pardon » - réalisé à l’année 2000 pendant les célébrations du Jubilé – sous l’angle de son promoteur et idéalisateur comme un geste spécifique de

Jean Paul II. La Journée, connue comme geste de purification de la mémoire, aurait été fait dans le cœur de Karol Wojtyla à partir de ses expériences comme fils de la Pologne et fils du Concile. Son élection au pontificat et l’occasion du « Grand Jubilé » de l’année 2000 ont permis la réalisation du mea culpa, non sans avoir auparavant fondé historiquement et théologiquement l’opportunité et orthodoxie du geste.

Mots-clés : Mémoire. Purification. Jour du pardon. Jubilé. Jean Paul II.

Enquanto transcorre o Jubileu da Misericórdia, convocado pelo papa Francisco, a particular característica de reconciliação e perdão deste jubileu extraordinário nos remete ao Jubileu precedente – ano bimilenar da encarnação do Salvador – sobretudo à histórica jornada realizada no dia 12 de março de 2000. Naquele ano, no primeiro domingo da quaresma – dentro de uma liturgia simultaneamente penitencial e eucarística – João Paulo II concretizava o histórico “Dia do Perdão” ao pronunciar – em nome da Igreja – uma sequência de sete súplicas dirigidas a Deus, pedindo perdão pelas diversas culpas históricas cometidas pelos filhos da Igreja no passado remoto ou recente.

Desde quando tornara pública a intenção de tal gesto, a mera possibilidade de realizá-lo já havia suscitado perplexidades e surpresas, dentro e fora do âmbito da Igreja. A razão central que gerava resistência à sua iniciativa não se baseava apenas no caráter inédito do gesto pontifício, mas sobretudo nas controvérsias teológicas que este podia suscitar: até que ponto este “reconhecimento corajoso das culpas e omissões das quais os

cristãos se tornaram, de certo modo, responsáveis ao longo da história”¹ não feria a afirmação de fé que professa crer “na Santa Igreja Católica”? Até que ponto este *mea culpa* não poderia tornar-se “fonte de ambiguidade ou até mesmo de mal estar espiritual, especialmente entre os fieis mais simples e pequenos”²?

O presente artigo buscará apresentar, resumidamente, o percurso que tornou possível a fundamentação e realização do gesto de “purificação da memória” – que ainda prossegue com os pontífices sucessores de João Paulo II. Tal percurso será visto principalmente sob o prisma daquele mesmo pontífice polaco que o idealizou e defendeu como um gesto capaz de «despertar as consciências diante dos compromissos do presente, abrindo para todos a estrada da conversão»³.

1. JOÃO PAULO II, FILHO DA POLÔNIA E FILHO DO CONCÍLIO

Se queremos buscar as origens do gesto desde a perspectiva de João Paulo II, inevitavelmente devemos retroceder ao marco da sua história pessoal, isto é, a história de Karol Wojtyła, filho da Polônia e filho do Concílio.

¹ Tais eram as palavras que compareciam num dos primeiros acenos explícitos do gesto de purificação da memória histórica da Igreja. Estas encontravam-se naquele que seria um documento reservado aos cardeais convocados para o Consistório extraordinário, no ano 1994, denominado “Pró-memória”, sobre o qual retornaremos mais adiante. O texto aqui citado corresponde à versão publicada na Revista dehoniana “Il Regno” (*Promemoria di Giovanni Paolo II al V Concistoro straordinario, em Quindicinale “Il Regno” di documentazione* (1994), n. 15, p. 449-454. De agora em diante, abrev. «Il Regno-doc.»);

² Deste modo se expressava o então bispo de Bolonha, Giacomo Biffi, pouco depois da polêmica suscitada pelo “Pró-memória” endereçado ao Consistório Extraordinário. Buscando oferecer aos fieis de sua diocese algumas reflexões sobre o tema – à época já acenados pública e oficialmente na Carta Encíclica *Tertio Millennio Adveniente* – o cardeal Biffi aludia a um certo espírito de «arrependimento e auto-contestação». Para ele, dependendo do modo como se compreendesse tal atitude, o gesto poderia tornar-se «fonte de ambiguidade e até mal-estar espiritual, especialmente entre os fieis mais simples e pequenos». Ele dizia ser justo e oportuno «pedir perdão pelos erros eclesiais dos séculos passados [... apenas] se fossem historicamente comprovados com investigações objetivas e, sobretudo, sem avaliações anacronísticas». BIFFI, G., *Christus hodie. Nota pastorale in preparazione al Congresso Eucaristico Nazionale del 1997 e al Grande Giubileo del 2000*. Bologna: EDB, 1995, p. 25; tradução nossa.

³ JOÃO PAULO II, Papa. Homília no *Dia do Perdão do ano Santo de 2000*, 12 mar. 2000. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_pardon.html. Acesso em 27 maio 2016. Vale recordar que o artigo é, na verdade, um breve resumo de quanto já foi exposto na minha tese de mestrado, apresentada em fevereiro de 2016, intitulada “*Verso il Terzo Millennio. Giovanni Paolo II e la purificazione della Memoria. Aspetti storici e teologici della Ricchiesta di Perdono*” cujo orientador foi o professor Philippe Chenaux, docente de História da Igreja junto à Pontificia Università Lateranense de Roma.

Como filho da Polônia, seria já suficiente citar – como exemplo de perdão a ser doado – a experiência vivida pelo membro daquela nação que vira os crimes atuados em seu território contra a dignidade da pessoa humana nos campos de concentração, evoluídos para campos de extermínio, e que se tornaram palco de execução da “Solução final” contra os hebreus; também a dolorosa experiência daquela Igreja que padecera as restrições impostas pelos regimes totalitários comunista e nazista tornar-se-iam razões pessoais que incentivariam o testemunho de reconciliação e de perdão para o Jubileu do ano 2000⁴. Como filho do Concílio, terá peso a experiência daquele jovem bispo que vira nascer e amadurecer aqueles documentos que propunham uma reconversão eclesiológica, redescobrimdo e desvelando o Mistério da natureza e da identidade da Igreja «*semper purificanda*»⁵. De tal princípio brotaria, ainda dentro do Concílio, uma atitude nova a respeito da dignidade da pessoa humana, da liberdade religiosa e da unidade dos cristãos.

Uma outra experiência remota que fortemente influenciou as iniciativas do pontífice polaco foi o particular jubileu celebrado em toda a Polônia, em

⁴ A memória deste período indiretamente provocou – no âmbito dos gestos de perdão a serem oferecidos – a “Comemoração ecumênica das Testemunhas da fé no século XX”, realizada no Coliseu (07 maio 2000). O próprio João Paulo II comentava durante tal cerimônia: «A geração a que pertencemos conheceu o terror da guerra, os campos de concentração e a perseguição. Durante a segunda guerra mundial, na minha pátria sacerdotes e cristãos foram deportados para os campos de extermínio. [...] Muitos rejeitaram ceder ao culto dos ídolos do século XX e foram sacrificados pelo comunismo, pelo nazismo, pela idolatria do Estado ou da raça». JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia durante a celebração ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX*, 07 maio 2000. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000507_test-fede.html. Acesso em 08 maio 2016. De modo semelhante havia já expressado na *Tertio Millennio Adveniente* (abrev. TMA): «No final do segundo milênio, a Igreja tornou-se novamente Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes — sacerdotes, religiosos e leigos — realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo». TMA, 37. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertiomillennio-adveniente.html. Acesso em 20 maio 2016.

⁵ O termo comparece literalmente na *Lumen Gentium* quando, falando da natureza da Igreja em seu caráter misterioso, afirma que esta seja «ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se». Cf. LG, 8. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*, n. 22, p. 47. É de se notar a própria Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* – documento cuja origem têm parcela de influência do então Arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła – quando diz: «Ainda que a Igreja, por virtude do Espírito Santo, tenha permanecido a fiel esposa de seu Senhor e não tenha cessado jamais de ser um sinal de salvação para o mundo, ela contudo não ignora de modo algum que não faltaram entre os seus membros, clérigos e leigos, na série ininterrupta de tantos séculos, os que foram infieis ao Espírito de Deus. Também em nossos tempos não ignora a Igreja quanto se distanciam entre si a mensagem que ela profere e a fraqueza humana daqueles aos quais o Evangelho foi confiado». GS, 43. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*, n. 338, p. 191.

1966. Após uma densa preparação, que durara nove anos, a Igreja polaca celebrava os mil anos de existência de sua nação e evangelização. Tal acontecimento adquiriria ainda maior ênfase, dada a sua simultaneidade com a conclusão do Concílio Vaticano II. A concomitância entre os eventos – jubileu e concílio – fez emergir aos bispos polacos a necessidade de reconciliação com o povo alemão, uma vez que ainda permaneciam abertas as feridas do período da invasão alemã à Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial. Desde então, nenhum ato formal tinha sido realizado e, por esta razão, os bispos poloneses consideraram oportuno o envio, não somente do convite à participação no jubileu, mas também de uma carta de reconciliação à Conferência Episcopal alemã, cujo título sugestivo era “Perdoamos e pedimos perdão”⁶. Esta expressão inspirava-se nas palavras que Paulo VI havia proferido, durante o Concílio, aos “irmãos separados” presentes na assembleia conciliar, representando distintas denominações cristãs não-católicas⁷. Destas mesmas palavras se inspiraria mais tarde o novo pontífice João Paulo II, na homilia proferida durante o “Dia do Perdão”, no jubileu da Encarnação.

2. GESTOS PRÉVIOS AO LONGO DO PONTIFICADO

À tarde do dia 16 de outubro de 1978, a Providência divina manifestou missões mais amplas ao, então, cardeal de Cracóvia. Se em sua terra natal celebrara os mil anos do batismo da nação polaca, como Sumo pontífice

⁶ Cf. *Messaggio dei Vescovi della Polonia all'Episcopato della Germania*. In: ZAHORSKI, WITOLD. *Nello spirito del Concilio. Scambio dei messaggi tra l'Episcopato polacco e l'Episcopato tedesco*. Roma: PUG, 1967, p. 7.

⁷ «Si alguna culpa se nos puede imputar por esta separación, nosotros pedimos perdón a Dios humildemente y rogamos también a los hermanos que se sientan ofendidos por nosotros, que nos excusen. Por nuestra parte estamos dispuestos a perdonar las ofensas de las que la Iglesia católica ha sido objeto y a olvidar el dolor que le ha producido la larga serie de disensiones y separaciones». Cf. *Solemne apertura de la segunda sesión del Concilio Ecuménico Vaticano II. Alocución de su santidad Pablo VI*, 29 set. 1963. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticanoii.html. Acesso em 25 maio 2016. À época, já este gesto de Paulo VI fora recebido com certa hesitação, até mesmo por bispos polacos que consideravam tal iniciativa um tanto «escandalosa», uma vez que «a Igreja é Santa». Para outros, porém, como Dom Wojtyła, as palavras tomadas do poeta e filósofo Horácio sobre a boca de Paulo VI indicavam as novas direções que o Concílio, corajosamente, estava tomando. Cf. LECOMTE, B. *Giovanni Paolo II*. Milano: La Biblioteca di Repubblica, 2005, p. 165.

promoveria um jubileu ainda mais solene, cumprindo o que lhe profetizara o cardeal Primaz da Polônia, o cardeal Wiszynski, ainda no conclave de sua eleição: «Se o Senhor te chamou, debes introduzir a Igreja no novo milênio»⁸. A juventude com a qual assumira tal missão tornava realizável tal possibilidade. O que ainda não era previsível era a conotação que este jubileu haveria de assumir: a atitude de purificação da memória que perdoa e pede perdão. Tal direção tampouco surgiu de improviso, mas foi formando-se mediante inúmeros gestos prévios realizados ao longo de seu pontificado. Não sendo possível elencar a amplitude dos gestos realizados, podemos apenas acenar a alguns poucos exemplos, propondo-os segundo três diferentes perspectivas de culpas a serem purificadas: as culpas no âmbito da Unidade, as culpas no âmbito da Verdade e ainda aquelas cometidas no âmbito da história.

A perspectiva das culpas a serem purificadas no âmbito da Unidade surge ainda prematuramente em seu pontificado. No contexto de sua primeira visita à terra natal como pontífice, João Paulo II ali afirmava:

*Não quer porventura Cristo, não dispõe acaso o Espírito Santo que este Papa polaco, Papa eslavo, precisamente agora manifeste a unidade espiritual da Europa cristã que, embora devedora às duas grandes tradições do Oriente e do Ocidente, professa por meio de ambas só fé, um só batismo, um só Deus, Pai de todos (Ef. 4, 5s), Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo?*⁹

Assim exprimia a necessária busca da unidade perdida com o mundo cristão oriental, confirmada posteriormente com gestos e palavras ainda

⁸ A contar tal episódio é o próprio João Paulo II, anos mais tarde, quando os preparativos para a celebração do jubileu já se tinham iniciado. Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *Angelus*, 29 maio 1994. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1994/documents/hf_jp-ii_ang_19940529.html. Acesso em 25 maio 2016; tradução nossa.

⁹ JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia do Santo Padre junto da cathedral de Gniezno*, 03 jun. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790603_polonia-gniezno-cattedrale.html. Acesso em 25 maio 2016.

mais eloquentes¹⁰. No tocante à unidade ferida com o mundo protestante, não menor foi sua ênfase – desde o início – em indicar a necessidade de «purificar a nossa memória pessoal e comunitária, com a recordação de todas as tensões, injustiças e ódios do passado [...] mediante o perdão recíproco»¹¹. Inúmeros foram também os gestos, em sua maioria realizados no contexto de suas viagens pastorais. Nestas, o Sumo Pontífice costumava encontrar os representantes das demais confissões cristãs e insistia em manifestar-lhes seu desejo de unidade, ao ponto de inclinar-se diante de um monumento aos mártires calvinistas na Eslováquia, por exemplo¹².

No âmbito da Verdade, sobretudo dois temas estiveram no centro das iniciativas de purificação da memória, desde os primeiros anos de pontificado: de um lado, o clássico 'mito cultural' gerado em torno ao nome de Galileu Galilei que, de certa forma, deixara nódoas na relação entre fé e ciência¹³. De outro lado, o tema da Inquisição, frequentemente evocada como aquela instituição que não soube dar primazia à dignidade da pessoa humana.

¹⁰ Em favor de tal unidade, João Paulo II dedicou 3 importantes documentos: a Carta Encíclica *Slavorum Apostoli* (1985), a Carta Encíclica *Ut Unum sint* (1995) e a Carta Apostólica *Orientalium Lumen* (1995). Nesta última, poucos dias antes do eloquente gesto de comunhão realizado com o Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu I – presente em Roma para comemorar os 40 anos do encontro realizado em 1965 entre o papa Paulo VI e o patriarca Atenágoras, em Jerusalém – João Paulo II afirmava: «O pecado da nossa divisão é gravíssimo: sinto a necessidade de que aumente a nossa disponibilidade comum ao Espírito, que nos chama à conversão, a aceitar e a reconhecer o outro com respeito fraterno [...]. Cada dia se torna em mim mais vivo o desejo de rememorar a história das Igrejas, para escrever finalmente uma história da nossa unidade, e voltar assim ao tempo, logo após a morte e ressurreição do Senhor Jesus, em que o Evangelho se difundiu pelas culturas mais diferentes, e teve início uma permuta fecundíssima, ainda hoje testemunhada pelas liturgias das Igrejas». JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Orientalem Lumen*, n. 17-18. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1995/documents/hf_jp-ii_apl_02051995_orientale-lumen.html. Acesso em 25 maio 2016.

¹¹ JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso aos representantes de outras confissões cristãs*. Paris, 31 maio 1980. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/may/documents/hf_jp-ii_spe_19800531_altra-confessionioni.html. Acesso em 25 maio 2016.

¹² Tratavam-se de 24 calvinistas que haviam padecido o martírio da parte de católicos, em 1687, no âmbito das guerras de religiões entre os séculos XVI e XVII. O gesto, não programado, surpreendeu o bispo luterano, Jan Midriak, o qual acompanhara o Santo Padre no breve momento de oração, testemunhando em seguida: «Apreciamos realmente o gesto. Nunca poderíamos pensar que algo do gênero poderia acontecer». IL CORRIERE della sera, 03 jul. 1995. In: *Rassegna Stampa*, 1995, VII/1; tradução nossa.

¹³ A expressão 'mito cultural' para o caso de Galileu pertence ao famoso escritor George Weigel, o qual afirma que «em qualquer controvérsia surgida entre a Igreja e a vida intelectual, social ou política moderna, o nome de Galileu representa necessariamente um atout para os opositores da Igreja». WEIGEL, G. *Testimone della Speranza. La vita di Giovanni Paolo II, protagonista del secolo*. Milano: Mondadori, 1999, p. 786.

Para o 'caso Galileu' foi o próprio João Paulo II a suscitar a controvérsia, ainda em 1979, quando afirmava: Galileu «muito teve que sofrer — não poderíamos escondê-lo — da parte de homens e organismos da Igreja»¹⁴. A sustentá-lo em tal afirmação era o próprio texto conciliar da *Gaudium et Spes* – o qual já o tinha precedido em reconhecer e

*deplorar certas atitudes de espírito que não faltaram entre os mesmos cristãos, por não reconhecerem suficientemente a legítima autonomia da ciência e que, pelas disputas e controvérsias a que deram origem, levaram muitos espíritos a pensar que a fé e a ciência eram incompatíveis*¹⁵.

Com tal menção, o Santo Padre não apenas queria promover a reconciliação entre os distintos âmbitos da Verdade – teológica e científica – mas sobretudo incentivar os historiadores a recolocarem o 'caso Galileu' na sua verdadeira luz, a partir das fontes e não dos mitos e teses carregadas de preconceitos¹⁶.

Quanto ao tema da Inquisição, as palavras mais claras virão à tona apenas nos anos de preparação próxima e imediata ao jubileu. Ainda assim, podemos encontrar ocasiões em que João Paulo II, dirigindo-se a homens do âmbito acadêmico ou da cultura, fez alusão a situações históricas específicas

¹⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso à Pontifícia academia das ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*, 10 nov. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html. Acesso em 25 maio 2016.

¹⁵ GS, 36. In: *Compêndio do Vaticano II*, n. 310, p. 179. Mesmo que o número não faça menção direta ao caso 'Galileu Galilei', na nota de rodapé que corresponde ao documento citado comparece a seguinte obra: PIO PASCHINI, *Vita e opere di Galileo Galilei*, 2 vol., Academia Pontifícia de Ciências, Cidade do Vaticano, 1964.

¹⁶ Efetivamente – e por incentivo do próprio Sumo Pontífice – a proposição do 'caso Galileu' inspirou o trabalho de uma Comissão ligada ao Pontifício Conselho para a Cultura, a qual pôde apresentar, no 350º aniversário da morte de Galileu, um amplo estudo teológico, científico, histórico e jurídico sobre o tema. No discurso de apresentação de tais estudos, dirigindo-se à Pontifícia Academia das Ciências, o papa resumia o equívoco do 'caso Galileu' a partir da não-distinção dos métodos, que poderia ter evitado a confusão entre as verdades. Cf. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921031_accademia-scienze.html. Acesso em 25 maio 2016. Para os estudos produzidos, cf. POUYPARD, P. (a cura di), *Galileo Galilei, 350 anni di storia (1633-1983)*. Studi e ricerche. Casale Monferrato: Piemme, 1984. Também o cardeal Paul Poupard, nessa mesma direção, afirmava que tais equívocos produzidos eram a «consequência de uma situação de transição no âmbito dos conhecimentos astronômicos e de uma confusão exegética a respeito da cosmologia». Cf. *Discorso del Card. Paul Poupard al termine dei lavori della Commissione Pontificia di Studi* (10/10/1992), em «OR», CXXXII, n. 255, p. 4 (versão traduzida).

que, embora necessitem ser julgadas «à luz objetiva da história», deve-se também reconhecer carregadas de «tensões, erros e excessos»¹⁷, sobretudo quando – impondo a verdade – não se respeitavam os direitos da dignidade humana ou da liberdade de consciência¹⁸.

Resta ainda acenar à prévia purificação da memória que diz respeito a situações históricas de contratemunho, situações provocadas por «indivíduos e grupos que se “adornavam” do nome cristão»¹⁹, mas cujas escolhas e atitudes opunham-se a este nome. Tais pecados históricos diziam respeito à época da Conquista e da colonização das Américas, quando junto aos esforços de evangelização dos povos indígenas aqui presentes produziram-se também abusos «devidos à falta de amor da parte daquelas pessoas que não souberam ver nos indígenas irmãos, filhos do mesmo Deus Pai»²⁰. Estes abusos ampliavam-se ainda mais, ao considerar, não apenas os indígenas, mas também os povos africanos, deportados de seu continente, «arrancados de sua terra, separados dos seus para serem vendidos como mercadoria» por parte de «pessoas batizadas, mas que não viveram a sua fé»²¹.

Maior, porém, foi o percurso de purificação da memória a respeito

¹⁷ JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso durante o encontro com os intelectuais e professores universitários*. Madrid, 03 nov. 1982. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/november/documents/hf_jp-ii_spe_19821103_universita-ricerca.html. Acesso em 25 maio 2016.

¹⁸ Um importante estudioso do pensamento de João Paulo II encontra tal reivindicação de liberdade de consciência em consonância com quanto tinha sido proposto pelo próprio concílio: essa é «um direito natural e inalienável da pessoa humana». BUTTIGLIONE, R. *Il pensiero di Karol Wojtyła*. Milano: Jaca Book, 1982, p. 211. A confirmar tal proposição, o próprio texto da *Dignitatis humanae*: «a verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte». DH, 1. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*, n. 1535, p. 600.

¹⁹ JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência geral*, 03 jun. 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiencias/1992/documents/hf_jp-ii_aud_19920603.html. Acesso em 25 maio 2016; tradução nossa.

²⁰ JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem aos indígenas do continente Americano*. Santo Domingo, 12 out. 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/messages/pont_messages/1992/documents/hf_jp-ii_mes_19921012_indigeni-america.html. Acesso em 25 maio 2016; tradução nossa.

²¹ JOÃO PAULO II, Papa. *Encontro com a comunidade católica de Gorée*. Senegal, 22 fev. 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1992/february/documents/hf_jp-ii_spe_19920222_isola-goree.html. Acesso em 25 maio 2016; tradução nossa. Tais palavras, João Paulo II as proferiu após visitar a “*maison des esclaves*”, em Senegal. Desta casa partiram milhares de escravos, conduzidos aos navios negreiros. Naquele mesmo discurso ainda acrescentava: «Como esquecer os enormes sofrimentos infligidos, desprezando os direitos humanos mais elementares às populações deportadas do continente africano? Como esquecer as vidas humanas aniquiladas pela escravidão? É preciso que se confesse, com toda verdade e humildade, este pecado do homem contra o homem, este pecado do homem contra Deus».

da relação histórica entre cristãos e judeus. Se bem que o concílio – com a declaração *Nostra Aetate* – houvesse já dado grandes passos rumo ao diálogo e a comunhão com o povo hebraico, permaneciam vivas ainda as memórias feridas «pelas incompreensões e pelos ressentimentos», mutuamente padecidos nos quase dois milênios de convívio²². João Paulo II deu grande passo quando realizou a visita à sinagoga de Roma, no dia 13 de abril de 1986, e definiu os judeus como «irmãos maiores» dos cristãos, visto o caráter intrínseco da religião judaica a respeito do cristianismo, reconhecendo também – como já o fizera o Concílio – os «atos de discriminação, de injustificada limitação da liberdade religiosa, de opressão também no âmbito da liberdade civil a respeito dos judeus»²³. Inspirando-se no Concílio, afirmava ainda que estes não devam ser chamados «“réprobos ou malditos”, como se isto fosse ensinado ou pudesse ser deduzido das Sagradas Escrituras, seja do Antigo como do Novo Testamento». Pelo contrário: seja a *Nostra Aetate*, seja a *Lumen Gentium*, ambas citam os textos paulinos que afirmam «que os hebreus “permanecessem caríssimos a Deus” que os chamou com uma “vocação irrevogável” (Rm 11, 28-29)»²⁴.

Não obstante tais palavras e gestos que iam de encontro à necessidade de purificação da memória, nem sempre tais iniciativas vinham recebidas do modo esperado. Aliás, uma das feridas mais controversas que inúmeras vezes foi apresentada ao Sumo Pontífice dizia respeito a atos perpetrados em sua própria nação: tratava-se da ferida de Auschwitz e da Shoah. A este respeito, João Paulo II – enquanto polaco – era por vezes acusado de querer cristianizar o evento de Auschwitz quando, por exemplo, canonizara cristãos como Maximiliano Maria Kolbe ou Edith Stein, mortos naquele

²² JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso aos delegados das conferências episcopais para as relações com o judaísmo*, 06 mar. 1982. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820306_rapporti-ebraismo.html. Acesso em 25 maio 2016.

²³ JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso na Sinagoga durante o encontro com a comunidade hebraica de Roma*, 13 abr. 1986. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/april/documents/hf_jp-ii_spe_19860413_sinagoga-roma.html. Acesso em 25 maio 2016; tradução nossa.

²⁴ Id.

campo de concentração, ou quando definia aquele lugar como «gólgota do mundo contemporâneo»²⁵. Tal modo controverso de recepção dos seus gestos, particularmente no tocante à Shoah, levou-o a pedir à “Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo” que promovesse um amplo estudo sobre o tema do Holocausto, cujos esforços de anos produziram o documento “Nós recordamos: uma reflexão sobre a Shoah” publicado em 1998, quase às vésperas do ano jubilar²⁶.

3. PREPARATIVOS PRÓXIMOS E IMEDIATOS AO “DIA DO PERDÃO”

É, no entanto, o Grande Jubileu do ano 2000 quem deu a João Paulo II a ocasião mais oportuna para afrontar os múltiplos “nós” históricos, frequentemente evocados contra a Igreja. Aguardado como um “Novo Advento” para celebrar o mistério da Encarnação, o evento jubilar exigiu uma programática preparação iniciada com o Consistório extraordinário convocado por João Paulo II, em 1994. Deixando de lado os pormenores pelos quais tal consistório precisou ser adiado, o fato é que tornou-se público – entre o seu anúncio e sua efetiva realização – um suposto “Pró-memória” reservado aos cardeais, contendo os temas a serem abordados durante o encontro. Dentre os temas, o mais sublinhado pela imprensa dizia respeito ao parágrafo 7 quando propunha-se que, dada a iminência do

²⁵ JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia durante a solene celebração no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*. Polônia, 07 jun. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790607_polonia-brzezinka.html. Acesso em 25 maio 2016. A respeito de tais acusações, um exemplo encontra-se na escritora judia Lea Sestieri. Em 1989, falando dos diversos aspectos a serem modificados para que o diálogo judeu-cristão fosse realmente eficaz, dizia: Seria necessário «encerrar o extermínio, a Shoah, como algo especificamente judeu e não fazer desta uma questão cristológica. Não foi sacrificado e novamente crucificado Jesus, como alguém já disse». SESTIERI, L. *Ebraísmo e cristianesimo. Percorsi di mutua comprensione*. Milano: Paoline, 2000, p. 199; tradução nossa. Anos mais tarde, fazendo alusão à canonização de Edith Stein, acrescentava: «a sua canonização então pretende ser um outro passo do processo de cristianização da Shoah?» Id., p. 222.

²⁶ Durante sua viagem apostólica aos Estados Unidos, dirigindo-se aos representantes das comunidades judaicas de Miami, João Paulo II afirmava: «as implicações religiosas e históricas da Shoah para cristãos e judeus agora serão examinadas formalmente [...]». Um documento católico sobre a Shoah e o antissemitismo será publicado após estes estudos aprofundados». JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso aos representantes das comunidades judaicas*. Miami, 11 set. 1987. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/september/documents/hf_jp-ii_spe_19870911_organizzaz-ebraiche.html. Acesso em 25 maio 2016; tradução nossa.

Segundo milênio do cristianismo, a Igreja precisa tornar-se consciente com grande lucidez do modo como os seus fiéis se tenham demonstrado infieis, ao longo da história, pecando em relação a Cristo e o seu evangelho [...]. É necessário que também a Igreja, à luz do que foi dito pelo Concílio Vaticano II, reveja – de iniciativa própria – os aspectos obscuros de sua história, avaliando-os à luz dos princípios do Evangelho²⁷.

Oficial ou oficioso tal pró-memória, o fato é que esta perspectiva de revisão histórica vem acenada durante o efetivo Consistório, realizado em junho de 1994. Dizia João Paulo II:

Diante deste Grande Jubileu, a Igreja tem necessidade de 'metanoia', isto é, do discernimento das faltas históricas e das negligências dos seus filhos em relação ao Evangelho. Somente o reconhecimento corajoso das culpas e também das omissões das quais os cristãos tornaram-se, de certo modo, responsáveis, e o generoso propósito de remediá-las – com a ajuda de Deus – podem dar um impulso eficaz à nova evangelização e tornar mais fácil o caminho, rumo à unidade²⁸.

O entusiasmo de João Paulo II em levar adiante uma tal revisão histórica não encontrou o mesmo ânimo entre grande parte dos cardeais

²⁷ *Promemoria di Giovanni Paolo II al V Concistoro straordinario*, em «Il Regno-doc.», 15/1994, p. 453; tradução nossa. Neste pró-memória acena-se a diversos casos concretos que costumeiramente são apresentados como culpa e erros cometidos pelos cristãos: a questão do caso Galileu, as «formas de violência praticadas em nome da fé [...], guerras de religiões, tribunais da Inquisição e outras formas de violação dos direitos das pessoas». Segundo o texto, tal reconhecimento – no fim do segundo milênio – não causa dano «ao prestígio moral da Igreja»; pelo contrário, este sai «reforçado pelo testemunho de lealdade e de coragem». *Id.*, p. 453. Estas palavras à época, causaram grande desconforto e polêmica, promovendo amplas reações em âmbito eclesial e fora dele, conforme já exemplificado na Introdução. Para aprofundar, cf. “*Verso il Terzo Millennio. Giovanni Paolo II e la purificazione della Memoria...*”, p. 86-89. Até o presente, pela ausência de fontes oficiais, não nos é permitido atribuir a autoria de tal documento ao Santo Padre diretamente, não obstante as diversas notícias então divulgadas pela imprensa concordassem no teor do texto divulgado. Que tal pró-memória tenha existido, o fato é confirmado pelo próprio João Paulo II quando, por três vezes, fez referência a um pró-memória enviado aos cardeais participantes do Consistório efetivamente realizado, no dia 13 de junho de 1994. Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *Discorso ai Cardinali di tutto il mondo convocati in Vaticano per il Concistoro straordinario*, 13 jun. 1994. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1994/june.index.html>. Acesso em 20 maio 2016.

²⁸ *Id.*; tradução nossa.

participantes, que consideravam a questão «muito difícil e delicada», devendo ser afrontada «com grande cautela e prudência»²⁹.

Tal desvio de ânimos, no entanto, não colocou freios ao Sumo Pontífice. Ao publicar a Carta encíclica *Tertio Millennio Adveniente*, naquele mesmo ano, João Paulo II manifestou a toda a Igreja a necessidade de assumir – no fim do segundo milênio – todas aquelas circunstâncias pelas quais ofereceu, «em vez do testemunho de uma vida inspirada nos valores da fé, o espetáculo de modos de pensar e agir que eram verdadeiras formas de anti-testemunho e de escândalo». Este processo de metanoia tinha seu fundamento sólido no próprio Concílio Vaticano II:

Embora sendo santa pela sua incorporação em Cristo, a Igreja não se cansa de fazer penitência: ela reconhece sempre como próprios, diante de Deus e dos homens, os filhos pecadores. Sobre isto, afirma a Constituição conciliar Lumen Gentium: "a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação"³⁰.

Com base nesta Encíclica, inúmeras iniciativas em vista dos preparativos para o "Grande Jubileu" do ano 2000 – como o chamava João Paulo II – multiplicaram-se nos anos que o antecederam. Especificamente a respeito desta "purificação da memória", algumas realizações foram promovidas pelo específico Comitê Teológico-histórico, subordinado ao Comitê central do Grande Jubileu do ano 2000. Presidido pelo então teólogo da Casa Pontifícia, Georges Cottier, o Comitê teve o mérito de promover dois importantes Simpósios que abordaram pontos centrais e controversos da História da Igreja: um deles, o Simpósio Teológico-histórico denominado "Raízes do anti-judaísmo em ambiente cristão", realizado

²⁹ Cf. MICCOLI, G. *In difesa della fede. La Chiesa di Giovanni Paolo II e di Benedetto XVI*. Milano: Rizzoli, 2007.

³⁰ TMA, 33. Para o texto conciliar, cf. LG, 8. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*, n. 20, p. 46. Aprofundando os n. 30-36 da *Tertio Millennio Adveniente* é possível entrever as 3 categorias de, por assim dizer, culpas a serem purificadas, como anteriormente exemplificadas. Todas elas, João Paulo II fundamenta a partir de textos em que o Concílio indica uma nova atitude frente a Unidade, a Verdade e a História. Para aprofundar, cf. "Verso il Terzo Millennio. Giovanni Paolo II e la purificazione della Memoria...", p. 92-97.

no fim de 1997; o segundo, o Simpósio Internacional sobre “A Inquisição”, em 1998. Tais Simpósios não intencionavam ainda atuar os pedidos de perdão, conforme propostos por João Paulo II, ou elaborar declarações e documentos sobre tais temas. Sua finalidade era oferecer ao Santo Padre e a outras comissões um estudo aprofundado sobre tais questões, de modo a discernir e identificar os graus de efetiva responsabilidade dos filhos da Igreja nos casos referidos e poder exprimir “juízos” objetivamente fundados³¹.

Outra iniciativa tinha origens mais distantes e era o fruto dos trabalhos de uma outra comissão: aquela para as “Relações Religiosas com o Judaísmo”. Desta veio à luz o estudo mais aprofundado que João Paulo II pedira anteriormente sobre o drama da Shoah, sintetizado no documento: “Nós recordamos: uma reflexão sobre a Shoah”. Este documento, em primeiro lugar, traça a diferença existente entre os termos antissemitismo e anti-judaísmo, a fim de melhor discernir aquilo que são «teorias contrárias ao constante ensinamento da Igreja acerca da unidade do gênero humano e a igual dignidade de todas as raças» daquelas atitudes e «sentimentos de suspeita e de hostilidade que perduram há séculos, a que chamamos anti-judaísmo, dos quais, infelizmente, também cristãos foram culpados»³². Tal distinção, no entanto, não impedia à Comissão

³¹ São palavras de João Paulo II na apresentação do Simpósio sobre a Inquisição: «Só quando a ciência histórica puder restabelecer a verdade dos fatos, os teólogos e o próprio Magistério da Igreja serão capazes de exprimir um juízo objetivamente fundado». JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso aos cientistas participantes no Simpósio sobre a Inquisição* 31 out. 1998. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981031_simposio.html. Acesso em 26 maio 2016. Para os atos do Simpósio sobre o anti-judaísmo, cf. RADICI DELL'ANTIGIUDAISMO IN AMBIENTE CRISTIANO. COLLOQUIO INTRA-ECCLESIALE. *Atti del Simposio Teologico-Storico* (30 ottobre – 1 novembre 1997). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000. Para os atos do Simpósio sobre a Inquisição, cf. BORROMEO, A. (a cura di). *L'Inquisizione. Atti del Simposio Internazionale* (29 – 31 ottobre 1998). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003.

³² COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. *Nós Recordamos. Uma Reflexão sobre a Shoah*, n. IV. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html. Acesso em 26 maio 2016. Sobre tal diferenciação entre antissemitismo e anti-judaísmo, também o dicionário de Adriano Prosperi apresenta uma diferença de graduação entre o «anti-judaísmo católico, ligado aos cânones pluriseculares cristãos de raiz religiosa e a nova ideologia política e racial tal qual foi o antissemitismo nazista». Cf. Antigiudaísmo, antisemitismo em PROSPERI, A. (diretto da). *Dizionario Storico dell'Inquisizione*, vol. I. Pisa: Libreria Editrice Vaticana, 2010, p. 66; tradução nossa. Outro autor ainda acrescenta: «certamente o programa nazista dependia da filosofia moderna e as teorias racistas pseudo-científicas. Mas não podemos negar o fato que o cristianismo tradicional forneceu o terreno indispensável, visto o difuso apoio ou, ao menos o consenso patente da parte de numerosos cristãos batizados durante os ataques nazistas aos hebreus e outros grupos marginalizados». PAWLIKOWSKI, J. *Memoria storica e relazioni cristiano-ebraiche*. In: CUNNINGHAM, P. et al (a cura di). *Gesù Cristo e il Popolo ebraico. Interrogativi per la teologia di oggi*. Roma: GBP, 2012, p. 59; tradução nossa.

antecipar palavras de arrependimento em nome da Igreja, manifestando «profunda tristeza pelas faltas dos seus filhos e das suas filhas em todas as épocas», uma vez que «como membros da Igreja, de fato compartilhamos tanto os pecados como os méritos de todos os seus filhos»³³.

4. MEMÓRIA E RECONCILIAÇÃO: A IGREJA E AS CULPAS DO PASSADO

Entre as iniciativas surgidas em apoio ao gesto pontifício de purificação da memória, aquela que possuiu maior peso foi a iniciativa tomada pela Comissão Teológica Internacional (doravante C.T.I.). Desta veio a última palavra, definitiva e esclarecedora, acerca do gesto a ser realizado. Após três anos de trabalho, a subcomissão criada pelo cardeal J. Ratzinger – então presidente da C.T.I. – e dirigida pelo prof. Bruno Forte apresentava o documento “Memória e Reconciliação: a Igreja e as culpas do passado”. O documento queria indicar, não tanto um parece sobre cada singular exemplo histórico evocado, mas sim a justa hermenêutica que pudesse pôr fundamentos bíblicos, históricos e teológicos a tal “purificação da memória”. Ainda em sua introdução, o documento afirmava que a Igreja

*é a única Mãe na Graça que assume sobre si o peso até mesmo das culpas passadas para purificar a memória e viver a renovação do coração e da vida segundo a vontade do Senhor. Ela pode fazê-lo pelo fato de Jesus Cristo – de quem ela é o Corpo misticamente prolongado na história – ter assumido sobre si, de uma vez para sempre, os pecados do mundo*³⁴.

³³ *Nós Recordamos...*, n. V; Nesta mesma direção do documento da Comissão para as Relações com o Judaísmo, já no tempo do Concílio Vaticano II aquele que fora encarregado pessoalmente por João XXIII de levar adiante o tema dos judeus no Concílio – o alemão, jesuíta, biblista e cardeal, Agostinho Bea – afirmou a respeito: «é necessário conhecer a história do povo hebraico, o mal e o bem, os sofrimentos, as influências, etc, a relação da Igreja e dos Papas a respeito dos judeus. [...] A Igreja, e especialmente os filhos da Igreja, os cristãos, cometeram injustiças contra o povo hebraico. Pode-se confessar sem ofender a verdade». BEA, A. *Discorso al capitolo Generale della Congregazione Nostra Signora di Sion*, 15 jan. 1964. In: SESTIERI, L. CERETI, G. (a cura di). *Le chiese cristiane e l'ebraismo*. Casale Monferrato: Libreria Editrice Vaticana, 1983, p. 54; tradução nossa.

³⁴ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Memória e Reconciliação. A Igreja e as culpas do passado*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 11.

Em sua revisitação histórica, o documento declarava explicitamente que «não se encontram, em toda a história da Igreja, precedentes de pedidos de perdão relativos às culpas do passado formulados pelo Magistério»³⁵. Apenas dois gestos pontifícios precedentes podiam assemelhar-se em certo modo ao gesto atual: um tinha sido aquele do Papa Adriano VI, já citado pelo próprio Sumo Pontífice durante sua viagem à Alemanha, em 1980, relativo à Reforma Protestante³⁶. O outro, o já citado gesto realizado por Paulo VI, ainda dentro do Concílio, dirigido aos irmãos separados do Oriente: neste, a C.T.I. atribuía parcialmente uma certa continuidade para o gesto wojtiliano, uma vez que teria sido o primeiro caso explícito – mesmo que ainda limitado – de «pedido e oferecimento de perdão» enquanto dizia respeito «ao pecado da divisão entre cristãos e supunha reciprocidade»³⁷.

São numerosos, por outro lado, os textos conciliares sobre os quais a C.T.I. encontrou a base para a atitude de João Paulo II, mesmo especificando o modo como «o Concílio não associa aos fatos citados um pedido de perdão». Ao contrário, em alguns momentos até mesmo sublinha a distinção entre as culpas do passado e os homens contemporâneos³⁸. Mas o coração da interpretação teológica oferecida ao gesto wojtyliano encontra-se principalmente no texto da *Lumen Gentium*, 8, que afirma a compreensão da “natureza mistérica” da Igreja em analogia à natureza mistérica do Verbo de Deus encarnado. Por esta semelhança, a Igreja apresenta-se como um sujeito absolutamente único nos eventos humanos ao ponto de poder

³⁵ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Memória e Reconciliação. A Igreja e as culpas do passado*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 14

³⁶ Mesmo que o Sumo Pontífice Adriano VI (1522-1523) desejasse pessoalmente e considerasse urgente a Reforma da Cúria no momento do auge da crise luterana e reconhecesse a situação da Igreja, sua proposta de Reforma não obteve sucesso; no entanto, pode-se considerar seu o mérito de ter deplorado «as abominações, os abusos [...] e as prevaricações» das quais «a “corte romana” de seu tempo» se tinha tornado culpável. Mesmo sem um explícito pedido de perdão, Adriano VI soube indicar a «“doença [...] profundamente enraizada e desenvolvida”, que se estendia “da cabeça aos membros”». COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação. A Igreja e as culpas do passado*, p. 14. Cf. LORTZ, J. *La Riforma in Germania*, v. 1, *Premesse, inizio, primi risultati*. Milano: Jaca Book, 1979, p. 111.

³⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação. A Igreja e as culpas do passado*, p. 14.

³⁸ Efetivamente, o texto da *Nostra Aetate*, por exemplo, havia esclarecido como «aquilo que se perpetrrou durante a sua paixão [de Cristo] não pode indistintamente ser imputado a todos os judeus que então viviam, nem aos de hoje». NA, 4. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*, n. 1591, p. 623. Entre outros textos conciliares, “Memória e Reconciliação” também se remete aos textos de GS, 36.43; UR, 3.6; LG, 8.

assumir, sejam os dons e méritos quanto as culpas dos seus filhos, tanto os de hoje quanto os do passado. Dizia o documento:

O conjunto dos aspectos visíveis e históricos se reporta ao dom divino semelhantemente a como no Verbo de Deus encarnado a humanidade assumta é sinal e instrumento do agir da Pessoa divina do Filho: as duas dimensões do ser eclesial formam “uma realidade única e complexa, em que se fundem dois elementos, o humano e o divino” (LG 8), em uma comunhão, que participa da vida trinitária e faz com que os batizados se sintam unidos entre si, mesmo na diversidade de tempos e de lugares da história. Por força desta comunhão, a Igreja se apresenta como sujeito absolutamente único na circunstância humana, de modo a poder encarregar-se dos dons, dos merecimentos e das culpas dos seus filhos de hoje e dos de ontem³⁹.

Apenas partindo desta compreensão do caráter mistérico da natureza da Igreja é possível conciliar o paradoxo entre a fé na sua santidade e a realidade dos pecados de seus filhos. Esta afirmação – de natureza teológica – contribui grandemente também quando aplicada ao elemento histórico: «a Igreja não teme a verdade que emerge da sua história»; nos casos em que haja a necessidade de pedir «perdão pelas culpas dos seus filhos», após proceder a uma análise histórica objetiva, baseada sobre as fontes – isto é, não subjetiva, baseada sobre mitos – ela «está pronta a reconhecer os erros onde eles se verificaram»⁴⁰. Se o Concílio

³⁹ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação. A Igreja e as culpas do passado*, p. 32..

⁴⁰ Estas são palavras pronunciadas por João Paulo II durante o ciclo de catequeses de 1999, inspiradas nas indicações temáticas oferecidas pela encíclica *Tertio millennio adveniente*. Na audiência de 01 de setembro de 1999 afirmava: «a Igreja não teme a verdade que emerge da história e está pronta a reconhecer os erros, lá onde se verificaram, sobretudo quando se trata do respeito devido às pessoas e às comunidades. Ela está propensa a desconfiar das sentenças generalizadas de absolvição ou de condenação a respeito das várias épocas históricas. Confia a investigação sobre o passado à paciente e honesta reconstrução científica, livre de preconceitos de tipo confessional ou ideológico, quer a respeito de quanto se refere às imputações que lhe são feitas, quer das injustiças por ela sofridas. Quando são verificadas por uma séria investigação histórica, a Igreja sente o dever de reconhecer as culpas dos próprios membros e de pedir perdão a Deus e aos irmãos. Este pedido de perdão não deve ser entendido como ostentação de humildade fingida, nem como renegação da sua história b milenária, certamente rica de méritos nos setores da caridade, da cultura e da santidade. Ao contrário, ela responde a uma irrenunciável exigência de verdade que, ao lado dos aspectos positivos, reconhece os limites e as debilidades humanas das várias gerações dos discípulos de Cristo». JOÃO PAULO II, Papa. *Audiência Geral*, 01 set. 1999. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1999/documents/hf_jp-ii_aud_01091999.html. Acesso em 27 maio 2016.

assim articulava e unia a identidade sobrenatural da Igreja com sua necessidade de renovação contínua, sobre o mesmo fundamento a C.T.I. acolhia e apresentava como legítimo o gesto de “Purificação da Memória”, indicando os critérios objetivos para sua interpretação e realização⁴¹. Ao apresentar as conclusões finais do trabalho da subcomissão, o próprio cardeal J. Ratzinger interpretava o gesto proposto por João Paulo II simultaneamente «novo, mas todavia em profunda continuidade com a história da Igreja, com sua autoconsciência, com a sua resposta à iniciativa de Deus»: sendo o contexto histórico atual diverso de outros precedentes – como o do tempo da crise protestante – e possuindo hoje a Igreja uma maior liberdade, é possível a ela «retornar à confissão dos pecados [...] com nova humildade, com nova franqueza»⁴².

5. “DIA DO PERDÃO”

Tais critérios tornaram-se a base sólida sobre a qual João Paulo II pôde realizar a tão desejada “Purificação da Memória”. Na mesma ocasião em que vinha apresentado o documento da C.T.I., o “Departamento das celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice” apresentava o modo como haveria de realizar-se o “Dia do Perdão”, programado para o primeiro domingo da quaresma, 12 de março de 2000.

⁴¹ Ainda mais relevante pode ser a conclusão fornecida pelo documento no capítulo que trata sobre a integração entre juízo histórico e teológico: uma correta hermenêutica dependerá sempre de um estudo histórico objetivo, baseado sobre fontes, sobre documentos, para não ceder a preconceitos de interpretação subjetivista e poder ser passível de confrontar-se com «outras eventuais interpretações». Sobre esta passibilidade – diz o documento – é preciso «evitar tanto uma apologética que pretenda tudo justificar, como uma culpabilização indevida, fundada numa atribuição de responsabilidade historicamente insustentável». Cf. *Memória e reconciliação*, cap. 4: Juízo histórico e juízo teológico, p. 39-44.

⁴² INTERVENTO del Card. Joseph Ratzinger, 07 mar. 2000. In: *Quotidiano L'Osservatore Romano*, CXL, n. 57, p. 8; tradução nossa. Tais palavras do cardeal confirmavam palavras mais antigas que ele mesmo proferira durante uma Conferência em Múnico, no longínquo 1970, a respeito de momentos específicos da história da Igreja na qual «nunca faltou algum escândalo, desde a perseguição aos hereges aos processos às feiticeiras; da perseguição aos judeus e a coerção das consciências até a dogmatização de si própria e resistência à evidência científica: isto a tal ponto que quem faz parte desta história não pode não cobrir-se a cabeça, vergonhosamente». RATZINGER, J. – BENEDETTO XVI. *Perché siamo ancora nella Chiesa*. Milano: Rizzoli, 2008, p. 147; tradução nossa.

A Jornada realizou-se no contexto de uma celebração eucarística⁴³, com a presença de 30 cardeais, 200 bispos e 8000 fieis. Em sua homilia, o Santo Padre desenvolveu sua reflexão partindo do «paradoxo» paulino no qual o apóstolo afirma que Deus «tratou o seu Filho eterno como pecado em nosso favor». Tal paradoxo agora tornava-se a chave com a qual a Igreja «reunida espiritualmente à volta do Sucessor de Pedro» podia dirigir-se a Deus e implorar «o perdão divino para as culpas de todos os crentes». A corroborar, a própria interpretação teológica oferecida pela C.T.I. – como ele mesmo cita em sua homilia – cujo documento era

*útil para uma correta compreensão e atuação do autêntico pedido de perdão, fundado sobre a responsabilidade objetiva que une entre si os cristãos, enquanto membros do Corpo místico, e impele os fieis de hoje a reconhecerem, juntamente com as próprias culpas, as dos cristãos de ontem, à luz de um diligente discernimento histórico e teológico*⁴⁴.

⁴³ Comentava o cerimoniário pontifício, Mons. Pier Marini: Na mesma celebração, «a Igreja é capaz de cantar o *Magnificat* pela ação de Deus nela e o *Miserere* pelos pecados dos cristãos que a tornam necessitada de purificação, de penitência e de renovação». INTERVENTO del vescovo Piero Marini, maestro delle celebrazioni liturgiche pontificie, 07 mar. 2000. In: Quotidiano L'Osservatore Romano, CXL, n. 56, p. 5; tradução nossa. No livro editado pelo "Departamento das celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice" sobre as celebrações particularmente desenvolvidas durante aquele ano jubilar, a respeito da Jornada do Perdão afirma-se que «houve um acurado estudo para verificar se, na história da Igreja e das Igrejas, já tivessem sido realizadas liturgias de confissão dos pecados». A liturgia mais próxima ao gesto foi somente aquela da Sexta-feira Santa, com a sua respectiva oração universal. Cf. BIANCHI, E. BOSELLI, G. *Celebrazione eucaristica della I domenica di quaresima. Giornata del Perdono*. In: UFFICIO DELLE CELEBRAZIONE LITURGICHE DEL SOMMO PONTEFICE, *Magnum Iubilaeum. Trinitati Canticum. Peculiari celebrazioni presiedute da Giovanni Paolo II nell'anno santo 2000*. Città del Vaticano: LEV, 2007, p. 669; tradução nossa.

⁴⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia no Dia do Perdão...*, *ibid.* Ainda após a celebração, durante a oração do *angelus*, João Paulo II uma vez mais apresenta critérios objetivos para uma hermenêutica livre de equívoco: «não se trata de um juízo sobre a responsabilidade subjetiva dos irmãos que nos precederam: esse compete só a Deus, que – diversamente de nós, seres humanos – é capaz de "perscrutar o coração e a mente" (Jr20, 12). O ato hoje realizado é um sincero reconhecimento das culpas cometidas pelos filhos da Igreja no passado remoto e no presente, e uma humilde súplica do perdão de Deus. Isto não deixará de despertar as consciências, consentindo aos cristãos entrar no terceiro milênio mais abertos a Deus e ao seu desígnio de amor». JOÃO PAULO II, Papa. *Angelus*, 12 mar. 2000. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2000/documents/hf_jp-ii_ang_20000312.html. Acesso em 29 maio 2016.

A homilia também destacava a dupla perspectiva do “Dia do Perdão”: «Perdoamos e pedimos perdão»⁴⁵. Era um eco evidente das palavras pronunciadas por Paulo VI e que tinham inspirado o Episcopado polonês durante o Concílio, conforme já acenado. Desde a perspectiva do “pedimos perdão”, foram principalmente as sete petições proferidas após a homilia que concretizaram as diversas intenções já manifestadas por João Paulo II ao longo do pontificado⁴⁶. Por um lado, eram dirigidas a Deus, conforme indicava o próprio documento *Memória e Reconciliação*⁴⁷, mas ao mesmo tempo proferidas «diante dos homens, aos quais não é possível esconder as responsabilidades dos cristãos»⁴⁸.

Desde a perspectiva do “perdoamos”, João Paulo II evocava sobretudo as «culpas cometidas pelos outros em relação a nós. No decurso da história, inúmeras vezes os cristãos sofreram maus-tratos, prepotências, perseguições por causa da sua fé»⁴⁹. Era uma alusão ainda discreta à figura dos mártires, conforme já indicara a própria encíclica de preparação ao Jubileu (*Tertio Millenio Adveniente*)⁵⁰.

⁴⁵ JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia no Dia do Perdão...*, ibid.

⁴⁶ Sete invocações compostas de um invatatório – pronunciado por um cardeal ou bispo vinculado aos Dicastérios – seguido de uma oração, proferida pelo Santo Padre ao fim da qual uma vela era acesa perante um crucifixo. Para o texto de cada uma das invocações, bem como os respectivos títulos e o nome de quem as proferiu, cf. o Apêndice final.

⁴⁷ Dizia a conclusão do documento: «é oportuno destacar uma vez mais como, em todas as formas de arrependimento pelas culpas do passado e em cada um dos gestos a ela ligadas, a Igreja se volta antes de tudo para Deus, pretendendo glorificar a Ele e a Sua misericórdia» (*Memória e Reconciliação*, p. 62).

⁴⁸ *Intervento del vescovo Piero Marini, maestro delle celebrazioni liturgiche pontificie (07/03/2000)*, in «OR» CXL, n. 56, p. 5; tradução nossa; Para o texto de cada uma das invocações, bem como os respectivos títulos e o nome de quem as proferiu, cf. *Celebrazione eucaristica presieduta dal Santo Padre Giovanni Paolo II. Prima domenica di Quaresima. 'Giornata del Perdono'. Basilica Vaticana, 12 Marzo 2000. Anno Santo*. In: UFFICIO DELLE CELEBRAZIONE LITURGICHE DEL SOMMO PONTEFICE (a cura di). *Magnum lubilaeum. Trinitati Canticum. Peculiari celebrazioni presiedute da Giovanni Paolo II nell'anno santo 2000*. Città del Vaticano: LEV, 2007, p. 208-229.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia no Dia do Perdão...*, ibid. Na mesma ocasião, dizia ainda: «Assim como as vítimas dessas injustiças perdoaram, de igual modo perdoamos também nós. A Igreja de hoje e de sempre sente-se empenhada em purificar a memória daquelas tristes vicissitudes de todo o sentimento de rancor ou de vingança. O Jubileu torna-se assim para todos a ocasião propícia para uma profunda conversão ao Evangelho. Do acolhimento do perdão divino deriva o empenho no perdão dos irmãos e na reconciliação recíproca».

⁵⁰ Dissera a encíclica: «no final do segundo milênio, a Igreja tornou-se novamente Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes — sacerdotes, religiosos e leigos — realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo. O seu testemunho, dado por Cristo até ao derramamento do sangue, tornou-se patrimônio comum de católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes». TMA, 37.

A respeito destes – e concretizando as intenções da encíclica – a segunda perspectiva do sinal wojtyliano completou-se com outra Jornada, também durante o ano Jubilar: foi a “Celebração ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX”. Esta foi realizada no Coliseu – lugar popularmente associado ao martírio dos cristãos – após uma ampla preparação que não restringiu-se apenas ao âmbito católico, mas que incluiu também outras denominações cristãs⁵¹. Definindo tal celebração, João Paulo II sublinhava a importância do ecumenismo já realizado entre os mártires e Testemunhas da fé, que se acomunam em sua morte por amor a Cristo, deixando à Igreja do novo milênio a herança da unidade⁵². Esta é, segundo ele, «uma herança que não se deve perder, mas fazer frutificar num perene dever de gratidão e num renovado propósito de imitação»⁵³.

6. CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, após refazer o trajeto que tornou possível o “Dia do Perdão” no ano 2000, podemos individuar como raiz do gesto wojtyliano a junção de três elementos fundamentais: a experiência pessoal de João Paulo II, filho da Polônia e filho do Concílio; a nova consciência histórica e eclesiológica surgida a partir dos ensinamentos conciliares; e, por fim, a

⁵¹ Da parte católica, o Santo Padre – junto ao Comitê central para o Grande Jubileu – criou uma “Comissão para os novos mártires”, encarregada de «recolher das diversas Igrejas locais, Conferências Episcopais, etc., notícias históricas [...] das testemunhas da fé» referentes ao fim daquele milênio. Vista a conotação ecumênica que João Paulo II quisera dar ao gesto do coliseu, este elenco ampliou-se com os nomes e exemplos provindos das outras Igrejas e comunidades eclesiais participantes à celebração. IMPAGLIAZZO, M. (a cura di). *Il Giubileo con i testimoni della fede del XX secolo*. Città del Vaticano: Quaderni de L'Osservatore Romano (48), 2000, p. 3; tradução nossa. O volume recolhe diversos testemunhos de cristãos que padeceram o martírio no último século, publicados nas edições do jornal 'L'Osservatore Romano' de 1999.

⁵² Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *Homilia durante a celebração ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX*, 07 maio 2000. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000507_test-fede.html. Acesso em 29 maio 2016. Sobre esta celebração, comentava o Pe. Georges Cottier, à época teólogo da Casa Pontifícia e presidente da Comissão teológico-histórica do Jubileu: «É extremamente significativo que o Papa tenha feito prosseguir após a página sobre o arrependimento a página fortemente inspirada da reaparição dos mártires. Esta celebração confere ao exame de consciência a sua justa orientação. A Igreja que se inclina sobre os erros passados e presentes de alguns de seus filhos é a Igreja que conheceu o dom dos novos mártires. Aquilo que aconteceu no dia 12 de março encontra, de certa maneira, o seu prosseguimento no dia 07 de maio, dia dedicado pelo Jubileu à recordação dos mártires do nosso tempo». BRUNELLI, G. *Entrevista a P. Georges Cottier*. In «Il Regno-att.», 8/2000, p. 274.

⁵³ NMI, 7. Nesta encíclica, João Paulo II fazia um olhar retrospectivo sobre o ano jubilar apenas encerrado, procurando recolher os frutos das diversas iniciativas realizadas.

ocasião do Jubileu milenário, no ano 2000. Estes três fatores unidos é que constituíram o fundamento indispensável, sem o qual o gesto da Purificação da memória não se teria realizado.

O crisol sofrido pela nação polonesa, dominada pelos regimes totalitários, não a fechou nas feridas por estes provocadas. Ao contrário: a fortaleza de seus pastores e a experiência de fé e piedade daquela gente fez aflorar a riqueza pastoral das celebrações do seu Jubileu, inclusive em sua nuance de reconciliação e perdão. Junto destas experiências, vividas em comunhão com seu povo, João Paulo II também absorveu aquela experiência universal que empurrou toda a Igreja à renovação, à unidade e ao diálogo, isto é, o Concílio Vaticano II. Os documentos e declarações tornavam-se ainda dentro do próprio Concílio gestos de comunhão, de abertura, de reconciliação como o próprio gesto de Paulo VI, já acenado.

De todos os aspectos que poderiam ser sublinhados a respeito dos documentos conciliares, o mais fundamental para a perspectiva do gesto wojtiliano encontra-se ligado à Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: foi a renovação eclesiológica ali proposta quem sustentou teologicamente a atitude de reconciliação e perdão da Igreja no ano 2000. A redescoberta da categoria de "Mistério" abriu uma gama de perspectivas eclesiológicas que, por sua vez, inaugurou uma nova época de ductilidade e renovação para a Igreja sem, com isso, ameaçar sua natureza e sua missão. A Igreja que retorna às fontes do seu mistério (*Lumen Gentium*) se abre ao mundo enquanto caminha na história (*Gaudium et Spes*). Tal elo profundo foi assumido pelo próprio arcebispo de Cracóvia que rapidamente buscou retransmití-lo aos seus, retornando do Concílio: falava da nova consciência de uma Igreja "inclinada" – não prostrada, nem ereta – que se inclina em direção à fonte do seu mistério, isto é, o Mistério de Cristo que, sendo homem, esvaziou-se e se fez

«tratar como pecado»⁵⁴. Esta Igreja inclinada redescobre sua essência e sua razão de ser, redescobre-se como continuação das missões divinas, de modo que os homens tornam-se Corpo Místico de Cristo e Povo de Deus. Isto, porém, não com um fim em si mesmo: tal como o Filho de Deus entrou no mundo e pertence à humanidade, assim também a Igreja, em todos os seus membros possui uma missão a ser cumprida no mundo para a humanidade. A Igreja, redescobrando-se a partir de sua fonte e origem abre-se ao diálogo com os irmãos separados, com os crentes de outras religiões, com os não-crentes, com os ateus, com todo o mundo contemporâneo⁵⁵.

A redescoberta da própria identidade da Igreja desde a fonte do seu mistério permitiu sublinhar, entre outras coisas, a sua consciência histórica, fato este que – para o, então, arcebispo de Cracóvia – tornou-se «um dos principais princípios do programa de renovação» eclesial, ou seja, do seu “*aggiornamento*”⁵⁶. Com estas premissas, a Igreja retoma o seu caminho de conversão porque condiz com os homens suas “alegrias e fadigas” e não teme a verdade. Ao contrário, esta é a liberta. Foi, portanto esta “consciência enriquecida da Igreja”, de sua identidade e do seu mistério que João Paulo II procurou transmitir ao longo do seu pontificado e que sustentou o gesto de “Purificação da Memória”⁵⁷.

Quanto ao legado deixado pelo gesto wojtyliano à história da igreja, podemos sublinhar como sua insistência abriu a Igreja e os seus

⁵⁴ 2 Cor 5, 21. Dizia Karol Wojtyła, nas vésperas do natal seguinte à conclusão do Concílio: «A Igreja, inclinando-se no presépio e ajoelhando-se diante da cruz é consciente de que a humanidade foi redimida e que a missão do Espírito Santo destinou-se a toda a humanidade. Hoje, meus caros, vos trago e transmito esta consciência enriquecida da Igreja». WOJTYŁA, K. *Omelia nella Cattedrale di Wawel*, 25 dez. 1965. In: MARENGO, G. DOBRZYNSKI, A. (edd.). *Il Rinnovamento della Chiesa e del mondo. Riflessioni sul Vaticano II. 1962-1966*. Città del Vaticano: LUP, 2014, p. 320; tradução nossa.

⁵⁵ Cf. WOJTYŁA, K. *Lettera pastorale*, 11 out. 1964. In: MARENGO, G. DOBRZYNSKI, A. (ed.) *Il Rinnovamento...*, p. 202.

⁵⁶ WOJTYŁA, K. *Alle fonti del rinnovamento. Studio sull'attuazione del Concilio Vaticano II*. Città del Vaticano: LEV, 1981, p. 179..

⁵⁷ Mesmo no seu livro-entrevista “Memória e Identidade” João Paulo II, falando sobre a missão da Igreja e sua incessante necessidade de purificação, como o – «reconheceu com corajosa franqueza o Concílio Vaticano II» – afirma como tal atitude tenha sido, direta ou indiretamente a inspiração das iniciativas tomadas para celebrar o jubileu. Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *Memória e Identidade. Colóquios na transição do milênio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 134.

historiadores a uma “correção de método”. Ao encorajar teólogos e historiadores a revisitar aqueles fatos que comumente são considerados “nós históricos”, o Santo Padre indiretamente empurrou-os à definição daqueles critérios que vieram à tona com o documento da C.T.I., “Memória e Reconciliação”: reconstruir a história, não para emitir um juízo moral ou para fazer com ela apologética, mas para tirar fora os fatos e os contextos históricos de cada época. O trabalho imprescindível dos historiadores deve ser justamente aquele de “ajustar as lentes” que permitam ler os acontecimentos em sua justa medida, sem engrandecer ou diminuir os fatos, livrando a memória histórica daqueles preconceitos que a impedem de ser considerada segundo os textos, as fontes, os contextos. O próprio cardeal J. Ratzinger, como presidente da C.T.I., no momento de apresentar “Memória e Reconciliação” afirmara que, desde a Reforma Protestante em diante, a Igreja tinha assumido uma posição apologética, que enrijeceu-a ainda mais após as acusações do Iluminismo que agigantou certos pecados em «verdadeiras mitologias», praticamente obrigando-a a ter que provar que continuasse a ser a «Igreja de Cristo, [...] a Igreja dos Santos»⁵⁸.

De fato, ao apropriar-se de tal nova hermenêutica, a C.T.I. não buscou emitir um juízo particular sobre cada uma das intenções propostas para os “pedidos de perdão”, mas apenas indicou os critérios de avaliação. A purificação da memória não consiste apenas em emergir os lados obscuros da Igreja – próprio da propaganda anti-clerical – mas em manifestar a verdade após acurado discernimento histórico e teológico, favorecendo assim uma reposição da história nos fatos e não nos sentimentos criados em torno a estes⁵⁹. Tal nova perspectiva, não apenas possibilitou os gestos realizados

⁵⁸ INTERVENTO del Card. Joseph Ratzinger, 07 mar. 2000. In: Quotidiano *L'Osservatore Romano*, CXL, n. 57, p. 8.

⁵⁹ Era esta a definição que o documento da C.T.I. dava à purificação da memória: «libertar a consciência pessoal e coletiva de todas as formas de ressentimento ou violência que a herança de culpas do passado pode haver deixado, mediante uma renovada avaliação histórica e teológica dos acontecimentos implicados que conduza - se for esse o resultado - ao correspondente reconhecimento de culpa e contribua para um real caminho de reconciliação». Cf. *Memória e Reconciliação...*, p. 9.

por João Paulo II, como permitiu e fundamentou ainda os gestos também realizados pelos seus sucessores⁶⁰.

Podemos ainda dizer que esta correção de método pode contribuir grandemente para uma formação disciplinar equilibrada, já que requer a conjunção – e não separação – das matérias histórica e teológica para uma justa hermenêutica das diversas matérias. Somente tal conjunção pode evitar o risco de uma generalização ou de uma redução a uma ou a outra matéria, não pressupondo a fé, nem prescindindo da história.

⁶⁰ Bento XVI realizou tal "purificação da memória" em seu pontificado principalmente quando, no ano sacerdotal, «vieram à luz os pecados dos sacerdotes – sobretudo o abuso contra crianças». Sobre o tema, estas eram as suas palavras: «Também nós pedimos insistentemente perdão a Deus e às pessoas envolvidas, enquanto pretendemos e prometemos fazer tudo o possível para que um tal abuso nunca mais possa suceder». Cf. BENTO XVI, Papa. *Homilia no encerramento do ano sacerdotal*, 11 jun. 2010. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20100611_concl-anno-sac.html. Acesso em 30 maio 2016. Também o Papa Francisco, em várias ocasiões, já expressou tal pedido de perdão. Uma delas, dirigindo-se à Igreja Valdense, em Turim, pedia-lhes perdão «da parte da Igreja Católica [...] pelas atitudes e pelos comportamentos não cristãos, por vezes até desumanos que, na história» se tinha demonstrado contra os fieis desta Igreja evangélica, sempre no contexto das guerras de religiões ocorridas no século XVII. Cf. FRANCISCO, Papa. *Discurso pronunciado durante o encontro no Templo Valdense*, 22 jun. 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150622_torino-chiesa-valdese.html. Acesso em 30 maio 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEA, A. *Discorso al capitolo Generale della Congregazione Nostra Signora di Sion*, 15 jan. 1964. In: SESTIERI, L. CERETI, G. (a cura di). *Le chiese cristiane e l'ebraismo*. Casale Monferrato: Marietti, 1983.

BENTO XVI, Papa. *Homilia no encerramento do ano sacerdotal*, 11 jun. 2010. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2010/documents/hf_benxvi_hom_20100611_concl-anno-sac.html. Acesso em 30 maio 2016.

BIANCHI, E. BOSELLI, G. *Celebrazione eucaristica della I domenica di quaresima. Giornata del Perdono*. In: UFFICIO DELLE CELEBRAZIONE LITURGICHE DEL SOMMO PONTEFICE, *Magnum Iubilaeum. Trinitati Canticum. Peculiari celebrazioni presiedute da Giovanni Paolo II nell'anno santo 2000*. Città del Vaticano: LEV, 2007.

BIFFI, G. *Christus hodie. Nota pastorale in preparazione al Congresso Eucaristico Nazionale del 1997 e al Grande Giubileo del 2000*. Bologna: EDB, 1995.

BORROMEO, A. (a cura di). *L'Inquisizione. Atti del Simposio Internazionale (29 – 31 ottobre 1998)*. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 2003.

BRUNELLI, G. *Intervista a P. Georges Cottier*. In: «Il Regno-att.», 8/2000, p. 274.

BUTTIGLIONE, R. *Il pensiero di Karol Wojtyła*. Milano: Jaca Book, 1982.

COMISSÃO PARA AS RELAÇÕES RELIGIOSAS COM O JUDAÍSMO. *Nós Recordamos. Uma Reflexão sobre a Shoah*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html. Acesso em 26 maio 2016.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Memória e Reconciliação. A Igreja e as culpas do passado*. São Paulo: Loyola, 2000.

Discorso del Card. Paul Poupard al termine dei lavori della Commissione Pontificia di Studi (10/10/1992), em «OR», CXXXII, n. 255, p. 4.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Papa. *Discurso pronunciado durante o encontro no Templo Valdese*, 22 jun. 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150622_torino-chiesa-valdese.html. Acesso em 30 maio 2016.

IMPAGLIAZZO, M. (a cura di). *Il Giubileo con i testimoni della fede del XX secolo*. In Quaderni de *L'Osservatore Romano* (48). Città del Vaticano, 2000.

JOÃO PAULO II, papa. *Angelus*, 12 mar. 2000. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2000/documents/hf_jp-ii_ang_20000312.html. Acesso em 29 maio 2016.

_____. *Angelus*, 29 maio 1994. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1994/documents/hf_jp-ii_ang_19940529.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Audiência geral*, 03 jun. 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiencias/1992/documents/hf_jp-ii_aud_19920603.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Carta Apostólica Orientalem Lumen*, n. 17-18. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1995/documents/hf_jp-ii_apl_02051995_orientale-lumen.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Carta encíclica Tertio Millennio Adveniente*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html. Acesso em 20 maio 2016.

_____. *Discorso ai Cardinali di tutto il mondo convocati in Vaticano per il Concistoro straordinario*, 13 jun. 1994. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1994/june.index.html>. Acesso em 20 maio 2016.

_____. *Discurso à Pontifícia academia das ciências por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Albert Einstein*, 10 nov. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/november/documents/hf_jp-ii_spe_19791110_einstein.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Discurso aos cientistas participantes no Simpósio sobre a Inquisição*, 31 out. 1998. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981031_simposio.html. Acesso em 26 maio 2016.

_____. *Discurso aos delegados das conferências episcopais para as relações com o judaísmo*, 06 mar. 1982. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/march/documents/hf_jp-ii_spe_19820306_rapporti-ebraismo.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Discurso aos representantes das comunidades judaicas*. Miami, 11 set. 1987. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/september/documents/hf_jp-ii_spe_19870911_organizzaz-ebraiche.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Discurso aos representantes de outras confissões cristãs*. Paris, 31 maio 1980. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/may/documents/hf_jp-ii_spe_19800531_altre-confessiononi.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Discurso durante o encontro com os intelectuais e professores universitários*. Madrid, 03 nov. 1982. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/november/documents/hf_jp-ii_spe_19821103_universita-ricerca.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Discurso na Sinagoga durante o encontro com a comunidade hebraica de Roma*, 13 abr. 1986. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/april/documents/hf_jp-ii_spe_19860413_sinagoga-roma.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Encontro com a comunidade católica de Gorée*. Senegal, 22 fev. 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1992/february/documents/hf_jp-ii_spe_19920222_isola-goree.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Homilia do Santo Padre junto da cathedral de Gniezno*, 03 jun. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790603_polonia-gniezno-cattedrale.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Homilia durante a celebração ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX*, 07 maio 2000. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000507_test-fede.html. Acesso em 08 maio 2016.

_____. *Homilia durante a celebração ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX*, 07 maio 2000. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000507_test-fede.html. Acesso em 29 maio 2016.

_____. *Homilia durante a solene concelebração no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau*. Polônia, 07 jun. 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790607_polonia-brzezinka.html. Acesso em 25 maio 2016.

_____. *Homilia no Dia do Perdão do ano Santo de 2000*, 12 mar. 2000. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000312_pardon.html. Acesso em 27 maio 2016.

_____. *Memória e Identidade. Colóquios na transição do milênio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Mensagem aos indígenas do continente Americano*. Santo Domingo, 12 out. 1992. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/messages/pont_messages/1992/documents/hf_jp-ii_mes_19921012_indigeni-america.html. Acesso em 25 maio 2016.

LECOMTE, B. *Giovanni Paolo II*. Milano: La Biblioteca di Repubblica, 2005.

LORTZ, J. *La Riforma in Germania, v. 1, Premesse, inizio, primi risultati*. Milano: Jaca Book, 1979.

MICCOLI, G. *In difesa della fede. La Chiesa di Giovanni Paolo II e di Benedetto XVI*. Milano: Rizzoli, 2007.

PAULO VI, Papa. *Alocución en la Solemne apertura de la segunda sesión del Concilio Ecuménico Vaticano II*, 29 set. 1963. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticanoii.html. Acesso em 25 maio 2016.

PAWLIKOWSKI, J. *Memoria storica e relazioni cristiano-ebraiche*. In: CUNNINGHAM, P. et al (a cura di). *Gesù Cristo e il Popolo ebraico. Interrogativi per la teologia di oggi*. Roma: GBP, 2012.

PROSPERI, A. (diretto da). *Dizionario Storico dell'Inquisizione*, vol. I. Pisa: Edizioni della Normale, 2010.

RADICI DELL'ANTIGIUDAISMO IN AMBIENTE CRISTIANO. COLLOQUIO INTRA-ECCLESIALE. *Atti del Simposio Teologico-Storico* (30 ottobre – 1 novembre 1997). Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000.

RATZINGER, J. – BENEDETTO XVI. *Perché siamo ancora nella Chiesa*. Milano: Rizzoli, 2008.

SESTIERI, L. *Ebraismo e cristianesimo. Percorsi di mutua comprensione*. Milano: Paoline, 2000.

WEIGEL, G. *Testimone della Speranza. La vita di Giovanni Paolo II, protagonista del secolo*. Milano: Mondadori, 1999.

WOJTIŁA, K. *Alle fonti del rinnovamento. Studio sull'attuazione del Concilio Vaticano II*. Città del Vaticano: LEV, 1981.

_____. *Lettera pastorale*, 11 out. 1964. In: MARENGO, G. DOBRZYNSKI, A. (edd.). *Il Rinnovamento della Chiesa e del mondo. Riflessioni sul Vaticano II. 1962-1966*. Città del Vaticano: LUP, 2014.

_____. *Omelia nella Cattedrale di Wawel*, 25 dez. 1965. In: MARENGO, G. DOBRZYNSKI, A. (edd.). *Il Rinnovamento della Chiesa e del mondo. Riflessioni sul Vaticano II. 1962-1966*. Città del Vaticano: LUP, 2014.

ZAHORSKI, WITOLD. *Nello spirito del Concilio. Scambio dei messaggi tra l'Episcopato polacco e l'Episcopato tedesco*. Roma: PUG, 1967.